

A Educação do Campo e suas possibilidades a partir da biblioteca escolar

Mariana Paranhos de Oliveira¹, Maria do Rocio Fontoura Teixeira²

^{1,2} Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Programa de Pós Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Rua Ramiro Barcelos, 2600, Prédio Anexo, Santa Cecília. Porto Alegre - RS. Brasil.
Autor para correspondência/Author for correspondence: marianaparanhosdeoliveira@hotmail.com

RESUMO. Este estudo teve como premissa principal conceituar e caracterizar a Educação do Campo e suas práticas apoiada pela biblioteca escolar, atentando para as especificidades da identidade do campo e a riqueza cultural que ela produz, e não apenas como mera reprodutora da educação urbana. Para tanto, as reflexões apresentadas neste artigo, que é parte de uma pesquisa de Mestrado de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, são oriundas de uma revisão bibliográfica que tem por finalidade levantar o estado da arte e compreender fatores relevantes no âmbito atual da Educação do Campo apoiada pela biblioteca escolar. Os resultados, da análise realizada, evidenciaram que a união dos saberes campestros empíricos e dos conhecimentos captados em sala de aula e biblioteca é potente e enriquecedora, gerando uma aprendizagem realmente significativa e colaborativa.

Palavras-chave: Educação do Campo, Biblioteca Escolar, Potencialidades.

Education in the Countryside and its possibilities from the school library

ABSTRACT. This study has as a main focus to conceptualize and characterize the Countryside Education and its practices supported by the school library, paying attention to the specificities of the countryside identity and the cultural richness that it produces, and not just as a mere reproducer of the urban education. For that, the reflections presented in this article, that in itself is a part of a master's research in Science Education at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul, come from a bibliographical revision that intends to lift the state of the art and understand relevant factors in the current scenario of the Countryside Education supported by the school library. The results of the analysis made, have shown that the union of knowledge of the countryside and the knowledge captured in the classroom and library is potent and enriching, making for a truly significant and collaborative learning experience.

Keywords: Countryside Education, School Library, Potencialities.

La Educación en el Campo y sus posibilidades a partir de la biblioteca escolar

RESUMEN. El presente estudio tuvo como principal premisa conceptuar y caracterizar la Educación en el Campo y sus prácticas con apoyo en la biblioteca escolar, con especial atención a las especificidades de la identidad campesina y su riqueza cultural, y no solamente como reproductor de la educación urbana. Las reflexiones presentadas en este artículo, que integra una investigación realizada en el ámbito de la Maestría en Educación en Ciencias de la Universidad Federal de Río Grande del Sur, tienen origen en una revisión bibliográfica que busca identificar el estado del arte y comprender los factores relevantes en el ámbito actual de la Educación en el Campo con apoyo en la biblioteca escolar. Los resultados del análisis realizado evidenciaron que la unión de los conocimientos campesinos empíricos y de aquellos aprendidos en clase es potente y enriquecedora, lo que genera un aprendizaje realmente significativo y colaborativo.

Palabras-clave: Educación en el Campo, Biblioteca Escolar, Potencialidades.

Introdução

Conforme Rodrigues (2011), a educação é o pilar mais sólido do alicerce da formação do indivíduo. Sendo assim, a educação é um campo muito amplo, tanto de forma terminológica quanto prática, entretanto, Gayotto (1989) traz que a abordagem da educação não é unilateral, não sendo uma relação linear de poder, mas um processo dialético em que educador e educando estão imersos numa aventura de descoberta compartilhada. Por isso é [a educação] uma concepção revolucionária, comprometida com a

libertação humana, ocorrendo em espaços formais e não formais, ou ainda em ambientes urbanos ou camponeses.

Analisando a Educação Urbana e a Educação do Campo, pode-se observar um grande abismo diferencial entre elas, e, segundo apontamentos de Marinho e Vale (2017), as principais diferenças são:

Figura 1 - Diferenças entre Educação do Campo e Educação Urbana.

PARAMETROS	EDUCAÇÃO DO CAMPO	EDUCAÇÃO URBANA
Interesse	Do povo camponês e dos movimentos sociais do campo	Capitalista dos empresários latifundiários do assistencialismo e do controle político
Valorização da Terra	Valorização	Desvalorização
Terminologia	Matriz Curricular	Grade Curricular
Palavras de ordem	Resistência e Liderança	Concorrência e individualismo
Modelo	Sustentável de agricultura familiar com base nos interesses dos movimentos sociais do campo	Políticos de desenvolvimento econômico com base nos interesses das classes dominantes
Forma de trabalho	Coletivo	Individual
Pedagogia utilizada	Qualificação permanente, pedagogia da <u>libertação</u>	Projeto neoliberal vigente, pedagogia tradicional e do "improvisado"

Fonte: Adaptado de Marinho e Vale (2017).

Inúmeras são as possibilidades de reflexão sobre a categoria educacional “Educação do Campo”, sendo uma delas o apoio propiciado por bibliotecas escolares implantadas nas escolas campesinas¹. As bibliotecas revestem-se de diferentes maneiras, tipologias, sujeitos e territórios, e como reforça o Manifesto IFLA/UNESCO da Biblioteca Escolar “...habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” e, também, “...é essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo no que respeita a competência de leitura e escrita, à educação e informação e ao desenvolvimento econômico, social e cultural” (IFLA, 1999). É nesse conjunto de possibilidades que se apresentam as bibliotecas escolares do campo, seus acervos diferenciados e o seu comprometimento com uma educação emancipadora e com pensamento crítico.

Educar está intimamente ligado às contradições e lutas sociais do meio em que o educando vive, sendo assim educar é um ato social. Sabe-se que, na realidade camponesa atual no Brasil, que conta com pelo menos 19% do total da população no campo o atendimento escolar junto à população rural é escasso, quando não inexistente. Esses dados, segundo Martins

(2009), figuram como elementos que destacam o alto índice de exclusão e de privação dos direitos aos quais são submetidos os educandos que se encontram na zona rural.

De acordo com Perucchi (1999, p. 80-81), a função da biblioteca é a de contribuir com “atividades educacionais, sempre oferecer à comunidade escolar o material necessário para o enriquecimento do programa escolar, habilitando-os a utilizar os livros e a desenvolver a capacidade de pesquisar, além de sustentar os programas de ensino”. Sendo a biblioteca escolar um espaço fortemente educativo e o bibliotecário, aquele profissional de formação, realizando um papel formador na vida dos alunos e professores, é possível mensurar os benefícios que trazem para a comunidade do campo.

As práticas pedagógicas voltadas para os costumes e padrões do campo colocam os alunos em um papel de produtores de conhecimento e não mero reprodutores, o que reforça a ideia de Freire (2011) de que “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (Freire, 2011, p. 26). Nessas práticas, reforça-se a ideia de

respeito à natureza sem esquecer que o homem é parte integrante dela e que tudo a sua volta são recursos naturais.

Segundo Oliveira (2019), as bibliotecas como espaços de preservação do patrimônio e indissociáveis da educação são vitais para desenvolvimento social e preservação ambiental das sociedades onde estão implantadas. Nesse contexto, a biblioteca torna-se grande aliada do fortalecimento da cultura e memória do campo, uma memória tão subjugada e muitas vezes esquecida.

Corroborando com isso, o impacto social da biblioteca escolar para as Escolas do Campo contribuirá para a ruptura de um monopólio do conhecimento que impede a democratização do ensino e leva a unificação limitante dos indivíduos a uma simples especialidade, colocando-os no papel de meros reprodutores incapazes de entender os processos sociais em sua totalidade. Sendo assim, a biblioteca escolar, conforme Moro e Estabel (2011), abre-se para a democratização do saber, a construção do conhecimento, sendo um amplo espaço de aprendizagem e de compartilhamento e um prazeroso ambiente de mediação e de interação entre os sujeitos no cenário educacional.

Metodologia

Dentro do contexto da Educação do Campo apoiada na biblioteca escolar, priorizamos uma revisão bibliográfica, mediante a relevância do tema, no intuito de caracterizar a Educação do Campo e sensibilizar a sociedade da necessidade de implantação de bibliotecas escolares do campo a fim de potencializar as práticas pedagógicas do campo, o fortalecimento da cultura e memória campesina e o impacto social que essas práticas carregam consigo. Uma das metodologias da pesquisa é o estado da arte como apontam Picheth (2006) e Romanowski e Ens (2007), um estudo descritivo e analítico que tem como principais objetivos compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações; identificar as contribuições significativas da construção da teoria e prática pedagógica; e apontar as restrições e lacunas sobre o campo em que se move a pesquisa.

Em conjunto com o estado da arte, também estabelecemos uma revisão bibliográfica em livros, artigos publicados em periódicos e na interpretação e análise dos pesquisadores envolvidos nessas obras estudadas.

Discussão e análise Biblioteca escolar

Sendo simples ou complexas, pequenas ou grandes, de escolas públicas ou privadas, as bibliotecas escolares em todo o mundo caminham ao encontro de um mesmo objetivo: o reforço do “ensino e aprendizagem para todos” (IFLA, 1999). Esse tipo de biblioteca, é parte integrante da escola, é responsável pela disponibilidade da informação e no auxílio de alunos e professores nas ações pedagógicas e no decurso do processo de ensino-aprendizagem. É, então, segundo Mayrink (1991), uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Portanto, a biblioteca escolar participa dos objetivos, metas e fins do sistema educacional.

A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento à leitura e à formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula (OEA, 1985). Corroborando com essa visão, Neves (1998) traz que é nesse espaço que a leitura e a escrita encontram as condições para o

seu amplo desenvolvimento, principalmente se forem realizadas de forma integrada às atividades de sala de aula, viabilizando o planejamento conjunto entre bibliotecário e professores.

De acordo com sua missão, a biblioteca escolar deve formar e auxiliar leitores e pesquisadores, mas mais que isso, ela possui uma missão social de inserir o indivíduo na sociedade em que vive, então, entre as atribuições do bibliotecário destaca-se o uso de estratégias de aprendizagem “que privilegiem a pesquisa, a resolução de problemas e o protagonismo do aprendiz” (Gasque, 2012, p. 139).

Diversos são os objetivos que uma biblioteca escolar trás, sendo os principais: integrar o currículo às necessidades da comunidade escolar; auxiliar na formação e desenvolvimento de indivíduos com pensamento crítico, reflexivo e com criatividade; ajudar e participar do processo de ensino-aprendizagem; e trabalhar de acordo com as políticas da instituição de ensino em que atua (Corrêa et al., 2002).

Esses objetivos dialogam perfeitamente com as funções da biblioteca escolar que são fundamentadas no desempenho positivo de seus objetivos e do seu papel dentro da escola. São três as funções básicas da biblioteca escolar

segundo Stumpf e Oliveira (1987 *apud* Hillesheim e Fachin, 1999, p. 69-70):

Função educativa: serve de suporte no desenvolvimento de atividades curriculares para a melhoria do ensino, funcionando como instrumento de formação do indivíduo;

Função cultural e social: é um espaço em que os produtos da cultura (livros, jornais, revistas, gibis, mapas, etc.) são disponibilizados para comunidade escolar, ou até para a comunidade em geral, possibilitando o acesso à informação e a transmissão de conhecimento por meio da convivência entre pessoas de diferentes faixa etárias, raças, classes sociais e experiências;

Função recreativa/educativa: permite que o usuário construa um novo conceito de biblioteca e passe a frequentá-la não apenas por obrigação, mas por lazer e prazer; estimulando o gosto pela leitura desde os primeiros anos escolares da criança.

Para esse desempenho ser favorável aos objetivos e funções, o bibliotecário escolar deve inteirar-se do contexto vivido pelos educandos dentro e fora da escola e da política educacional da instituição, e, também, participar de todas as atividades que envolvam o ambiente escolar. Logo, consoante Borba e Cavalcanti (2011), precisa promover atividades que facilitem a aprendizagem dos usuários e demonstrar que a biblioteca é um ambiente que coopera para o processo de ensino-aprendizagem.

Reforça-se, também, que uma parceria que se faz extremamente

necessária nesse cenário é a do bibliotecário com os professores da instituição para o bom funcionamento da biblioteca, pois o trabalho em equipe destes profissionais torna-se necessário e fundamental, para influenciar a aprendizagem de forma positiva (Campello, 2012). No entanto, para que essa parceria ocorra, o professor precisa ver a biblioteca como um instrumento e espaço de apoio didático-pedagógico do que é ensinado em sala de aula, e essa visão deve ser instigada pelo bibliotecário. Ambos precisam compreender a relevância dessa integração, pois, conforme explica Silva (1995, p. 28): “...o professor é peça fundamental na relação aluno/biblioteca, ou seja, o nível de aproximação entre o aluno e a biblioteca escolar depende, em grande medida, do espaço que ela ocupa no fazer didático do docente”.

Diante do exposto, mesmo que, muitas vezes, não receba a sua devida importância, sabemos que a biblioteca escolar faz parte do sistema de ensino e possui objetivos e desenvolve funções necessários no cenário educacional, principalmente por atuar como um local de formação do indivíduo e cidadão. Sendo assim, atualmente, não é mais possível definir a biblioteca escolar como instituição de apoio material e mero depósito de livros e materiais de consulta

utilizados pela comunidade escolar (Douglas, 1961), pois seria reduzi-la a um local estático, fechado, silencioso e pouco atrativo, sendo que atualmente, os bibliotecários buscam constituí-la como um espaço dinâmico e interativo, onde ideias e pensamentos são trocados e construídos coletivamente pelos usuários, mantendo a biblioteca em eterna construção.

Educação do Campo

A Educação do Campo é uma modalidade da educação relativamente nova que surgiu na década de 90 advinda das reivindicações dos movimentos sociais. Foi uma medida que buscou contraposição ao entendimento tradicional de educação rural, que, conforme Lima, Costa e Pereira (2017) possuía caráter mais assistencialista e não correspondia às necessidades formativas dos povos do campo.

O Decreto nº 7.352/2010 define, no art. 1º, § 1º, inciso II, Escola do Campo como aquela escola localizada em área rural, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo – ou seja, diz respeito a todo espaço educativo que se dá em locais como, por exemplo, florestas, regiões onde há o predomínio da agricultura e da

agropecuária, populações ribeirinhas, caçaras, extrativistas, assentamentos indígenas e comunidades quilombolas. Conforme consta no site da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, a Educação do Campo não conta apenas com a educação básica, mas também com diversos níveis e modalidades de ensino, é legislada por lei própria e faz parte de um projeto de desenvolvimento sustentável, vinculado a outras instituições do meio rural. Portanto, a Educação do Campo procura contribuir para a permanência das crianças e adolescentes no meio rural e não sua evasão e, para isso, busca qualificar as escolas e garantir o acesso à educação.

Se faz relevante ressaltar que o campo é mais que um espaço geográfico como tantos outros, pois ele foi e é palco de inúmeras lutas e movimentos sociais, possui uma cultura própria, com costumes e místicas singulares não vivenciadas no meio urbano, como, por exemplo, o calendário convencional civil não se aplica ao ambiente do campo, pois possui dimensões temporais independentes. Posto isto, faz-se simplista ver os indivíduos desse local de forma generalizada, pois esses foram historicamente construídos em meio a relações específicas distintas do meio citadino.

Corroborando com isso, Fernandes e Molina (2005), afirmam que o campo é um

local de particularidades e matrizes culturais. É um espaço de possibilidades políticas, formação crítica, resistência, mística, identidades, histórias e produção das condições de existência social. Deste modo, o papel do educador do campo é abrir espaço para a consolidação dessas dinâmicas e para o diálogo e pensamento crítico que estimule a força do campo e a produção de saberes tradicionais.

De acordo com o Ministério da Educação-MEC, “O campo...mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana” (Brasil, 2001, p. 1). Por conseguinte, observa-se que a Escola do Campo não está inserida nas concepções hegemônicas de escola e é diferenciada em relação a escola urbana, pois, em conjunto com as múltiplas identidades e crenças, os educandos e educandas tem relação direta com a terra, as fortes relações instituídas entre comunidade e escola, a forma rural de trabalhar e principalmente, tendo em vista a leitura e a biblioteca, as relações e tratos com os hábitos de leitura e a cultura letrada.

A identidade da Escola do Campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na

memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2001, p. 1).

Sendo assim, a Educação do Campo pode ser caracterizada como um processo de ocupação que se faz em movimento e por movimentos, sendo estes compostos e organizados pelos camponeses que buscam conseguir adequar o meio e o cotidiano do campo às instituições formais de educação, para que assim, as crianças e jovens tenham os seus direitos respeitados e as mesmas chances pedagógicas que os estudantes do meio urbano.

Essa busca de adequação e esse posicionamento de especificidade da Educação do Campo se faz necessária, pois observa-se que a unicidade no sistema de ensino – urbano e rural – é prejudicial para os educandos, pois, conforme explana Martins (2007), a Escola do Campo é vista como um “apêndice” em relação a escola da cidade, como se tratasse de uma simples extensão dos saberes “cultos” da “vida urbana” para o campo, excluindo e desvalorizando os saberes camponeses, instituindo bases estranhas ao seu meio social, que nada mais é do que a própria existência e identidade dos sujeitos do campo.

Conforme Arroyo (1982), a Educação do Campo é positivamente diferente, pois “o tratamento específico da educação rural, teria, pois, dois fundamentos: a condição carente do homem do campo ou sua pobreza econômica e, em contraste, sua riqueza cultural” (Arroyo, 1982, p. 3). Isso porque a Educação do Campo, de forma figurada, nasceu em meio “aos escombros”, as carências de estruturas, possibilidades e ações estatais para esse meio e para esse povo, pois, mesmo com as adversidades e falta de valorização, a bagagem de atividades culturais, costumes e envolvimento social local nas atividades localizadas no campo é forte, sólida e rica.

Então, a proposta diferenciada da Educação do Campo manifesta-se, também, nos elementos curriculares, que buscam estruturação para ocupar disciplinas e atividades escolares com conteúdo alusivo ao cenário campestre, como forma de cativar e interessar as crianças e jovens camponeses. Pode ser evidenciada, também, com a organização curricular por temas geradores, calendários específicos, e a pedagogia da alternância. Ou seja, é todo um processo que vai ao encontro do processo de racionalização das escolas rurais.

É importante destacar que a Educação do Campo é uma expressão

muito bem pensada e consolidada, tendo em vista não somente diferenciar da educação urbana, mas também para posicionar o meio rural como um local produtor de conhecimento e pedagogia, e não apenas reproduzidor de cultura e saberes urbanos. Nesta perspectiva, a Educação do Campo estabelece-se como uma modalidade educativa no interior do sistema, como afirmam os documentos educacionais. Sendo assim,

Esta visão do campo como um espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades de relação dos seres humanos com a produção das condições de existência social confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões que acumulem força e espaço no sentido de contribuir na desconstrução do imaginário coletivo sobre a visão hierárquica que há entre campo e cidade; sobre a visão tradicional do jeca tatu, do campo como lugar do atraso. A Educação do Campo, indissocia-se da reflexão sobre um novo modelo de desenvolvimento e o papel para o campo nele. (Fernandes e Molina, 2005, p. 68).

Biblioteca escolar no contexto do campo

À luz de Queiroz (2015), sabe-se que a Educação do Campo nasceu da luta dos trabalhadores do campo pelo direito à educação de qualidade, pensada a partir de sua especificidade e com a participação desses trabalhadores. Para Caldart (2008), “O conceito de Educação do Campo tem raiz na sua materialidade de origem e no

movimento histórico da realidade a que se refere. Está é a base concreta para se discutir o que é ou não é Educação do Campo”. Logo, observa-se que a Educação do Campo é uma educação diferenciada que demanda reestruturação no currículo e na qual é necessário estar aberto para a ruptura com o conceito de escola vigente e dar maior importância a pluralidade de leituras e saberes.

Observando o documento com as Diretrizes Curriculares para oferta do Ensino Médio (2018) no Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul é possível observar que se discute sobre aprendizagem em sala de aula considerando os aspectos sociais e históricos nos quais o estudante está inserido, mas não se fala sobre a biblioteca escolar como espaço propício para esse desenvolvimento. Posto isso, percebe-se que a biblioteca escolar carrega consigo um rol de dificuldades e desafios pertinentes ao contexto da Educação do Campo, citados anteriormente. Isso corrobora com a colocação de Gehrke e Bufrem (2013), que afirmam que “...na relação entre a cultura da biblioteca escolar e a Escola do Campo, coloca-se a necessidade e possibilidade de ruptura e continuidade, transformação e resistência, inovação e transgressão” (Gehrke & Bufrem, 2013).

A biblioteca escolar – muitas vezes, a primeira conhecida pelas crianças - é uma unidade de informação, um espaço de aprendizagem voltado a suprir e complementar as necessidades informacionais dos conteúdos ministrados em aula, proporcionando aos alunos maiores informações sobre os conteúdos abordados, assim como propiciando o prazer da leitura.

Segundo Silva (2017), como se trata de um ambiente de socialização, a biblioteca escolar deverá também oportunizar atividades nas quais seus usuários possam conversar, trocar experiências, ouvir uns aos outros, ajudarem-se, interagir entre si, buscando e trocando informações, utilizando-se do espaço e dos mais diferentes suportes. A proposta de uma biblioteca escolar do campo e suas possibilidades é validada a fim de que os alunos possam trazer seus conhecimentos prévios de mundo, dialogar com os colegas, professores e bibliotecário, aprendendo cada vez mais, pois, conforme Moreira (2014), aprendemos a partir do que já sabemos.

Corroborando com isso, reforça-se a ideia de é possível observar singularidades que permitem afirmar que cada indivíduo apropria-se de modo particular dos textos, filmes e imagens que vê na biblioteca, valendo-se de suas experiências

individuais no meio social, mesmo quando se trata de um grupo com igual origem social, com pequena variação em relação à escolaridade, idade e meios de socialização. Portanto, cada indivíduo dá um sentido mais ou menos singular ao material reconhecido a partir de suas referências individuais ou sociais, históricas ou existenciais. Nesse sentido, ratifica-se o que afirma Chartier (1990) ao considerar que cada apropriação apresenta seus recursos e suas práticas que estão vinculadas à identidade sócio-histórica de cada leitor.

Conforme Sallaberry e Flores (2015), a biblioteca escolar é fonte de conhecimento e respeito às diferentes manifestações culturais, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. No caso das bibliotecas escolares do campo, estudos anteriores (Gehrke & Bufrem, 2018) expressam justamente a necessidade desse respeito às diferenças e um compromisso com essa instituição formativa e sua vinculação com os movimentos sociais que a originaram, numa relação de engajamento colaborativo.

Isso corrobora com a ideia de que quando um profissional se empenha na educação de indivíduos, acaba formando pessoas com capacidade crítica e formadores de opinião.

Potenciais da biblioteca escolar do campo

Diversos são os benefícios que uma biblioteca escolar traz para a comunidade composta por professores e alunos. Sendo a Educação do Campo tão subjugada e excluída por tantos anos, acaba por enfrentar três grandes desafios: 1) assegurar o acesso dos camponeses ao conhecimento, 2) direito a diferença, 3) trabalhar um novo projeto no campo da elaboração e da disseminação do conhecimento que rompa a hegemonia o capital no campo.

Para colaborar com tais desafios, a biblioteca escolar em uma Escola do Campo possui o potencial de aliar as práticas pedagógicas diferenciadas às práticas do campo, colaborar no fortalecimento da cultura e memória do campo, impactando social e positivamente.

Segundo os objetivos citados no Manifesto IFLA/UNESCO da Biblioteca Escolar, ela deve “apoiar e promover os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades e curriculum da escola” (IFLA, 1999) e tendo a Escola do Campo um currículo completamente diferenciado em virtude de sua cultura e suas necessidades humanas e sociais, o acervo de uma biblioteca escolar do campo será voltado em toda a sua unidade para os assuntos que perpassam desde os

movimentos sociais até ecologia, agricultura, ciências da natureza, mitos e lendas característicos da vivência dos usuários, a fim de confrontar positivamente os conhecimentos populares com os eruditos, de acordo com a proposta pedagógica da escola.

Sendo assim, será papel da biblioteca, em conjunto com a escola, buscar uma aprendizagem significativa dos conhecimentos trazidos pelos alunos – conhecimentos esses construídos por meio das necessidades e experiências vivenciadas no cotidiano do campo (subsunçores) - com o currículo e a metodologia utilizada (Ausebel, 1976). Ou seja, um elemento motivador para o educando será utilizado para aprimorar e produzir novos conhecimentos na estrutura cognitiva.

É também, objetivo da biblioteca escolar “Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida” (IFLA, 1999). Conforme Gehrke (2013), há escassez de livros no ambiente familiar dos povos camponeses, logo o papel do bibliotecário, profissional de formação, responsável pela biblioteca nas escolas é incentivar o gosto pela leitura desde a mais tenra infância e ensinar os alunos, assim que se faça possível, a pesquisar – seja em

livros ou na *internet* – para que eles se ambientem com esse espaço de conhecimento. Reforça-se também, que tão importante quanto a aprendizagem e o uso da leitura e da escrita no ambiente escolar é o papel social que esses processos possuem na vida dos sujeitos.

A biblioteca escolar é responsável também por “Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento” (IFLA, 1999). Considerando que as distâncias geográficas características do meio rural, tendem a dificultar o acesso a uma série de atividades culturais, a biblioteca no campo possibilitará desenvolver diversas atividades lúdicas embasadas no acervo, como horas do conto, sarais, peças teatrais, confecção de jogos educativos, gincanas literárias e feiras do livro.

Para “Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia” (IFLA, 1999) e “Organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade” (IFLA, 1999), é necessário que os acervos e os serviços oferecidos pela biblioteca estejam sempre engajados com as lutas da comunidade. É inviável falar de Educação do Campo sem falar do

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pois sabemos que a mesma teve seu início a partir das lutas pela terra e depois passou a contemplar a luta pela educação e por uma transformação social por completo, de valorização do meio. Segundo Molina (2011) “A Educação do Campo originou-se no processo de luta dos movimentos sociais camponeses e, por isso, traz de forma clara sua intencionalidade: construção de uma sociedade sem desigualdades, com justiça social”.

Ressaltamos mais um objetivo da biblioteca escolar que é “Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas” (IFLA, 1999). Assim, a biblioteca deve funcionar como porto de novas ideias e trocas de conhecimento, fundamentando-se na preocupação da formação humana, na emancipação e na consciência crítica, coletiva e atuante, objetivando a libertação de toda sociedade.

Considerações finais

O Brasil é um país de origem agrária, economicamente dependente do setor agrícola, apresentando uma agricultura com altos índices de produtividade devido ao desenvolvimento de sistemas de

produção avançados. Isto se configura num fator de motivação para manter o homem no campo e de investimento, de políticas educacionais que valorizem a expressividade e diversidade da população campesina.

Porém, esse engajamento pessoal e financeiro pela Educação do Campo não apareceu e nem sequer foi lembrado nos textos constitucionais até 1981, evidenciando o descaso com essa parcela da população, o que gerou um elevado quadro de precariedade nas escolas do campo. Na década de 90, a preocupação com um currículo diferenciado, para as escolas do campo, começou a dar sinais, encadeada pela pressão dos movimentos sociais e sindicais, e com ela, todas as interdisciplinaridades que esse tipo de escola traz.

Diversos são os cenários e situações nos quais a importância da biblioteca escolar em escolas do campo tem destaque. Ela possibilita meios para reflexões e questionamentos sobre a educação, voltada para o meio em que vivem os educandos. Para Morigi (2003), a Educação do Campo deve ser aquela que assume a identidade do meio rural, comprometida com um currículo voltado às causas, desafios, sonhos, história e cultura daquele que vive e atua no campo. Por trabalhar com mudança de conteúdo e forma de

funcionamento, a Escola do Campo e a biblioteca escolar tem seu foco no ser humano, particularmente, em seu envolvimento no processo de formação e de construção da sociedade.

A biblioteca escolar é responsável também pelo sentimento de pertencimento dos alunos ao lugar de origem, então, por meio do acervo, especialmente montado para camponeses, das atividades direcionadas sempre para as ciências da natureza e outros temas rurais e serviços vinculados ao projeto de desenvolvimento autossustentável, é possível a valorização da história e da cultura local do campo.

Sendo assim, pode-se afirmar que a união dos saberes camponeses empíricos e dos conhecimentos construídos em sala de aula e na biblioteca é potente e enriquecedora, gerando uma aprendizagem realmente significativa e colaborativa. As possibilidades dessa aliança demonstram que, por meio da Educação do Campo, pode-se mudar os conceitos de vida nesse local sem serem forçados a um modelo agrícola hegemônico, que revela tanto a exclusão social, ambiental e econômica. Assim, é fundamental lutar para que as escolas do campo desenvolvam ações e projetos que expressem, de forma específica, os interesses e necessidades da população camponesa, valorizando sua história, sua cultura e seu espaço.

Referências

Arroyo, M. G. (1982). Escola Cidadania e Participação no Campo. *Em Aberto*, 1(9), 1-6.

Borba, M. S. A., & Cavalcanti, V. O. N. (2011). Bibliotecário educador: reflexão-ação- reflexão. In *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação* (pp. 1-13), Maceió, AL.

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo/Parecer 36/2001 (2001, 14 de dezembro). Recuperado de: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_36_de_04_de_dezembro_de_2001.pdf

Decreto n. 7.352. (2010, 04 de novembro). Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>

Caldart, R. S. (2008). Sobre Educação do Campo. In Santos, C. A. (Org.). *Por uma Educação do Campo* (pp. 67-86). Brasília, DF: Inca. Recuperado de: file:///C:/Users/Filipe/Downloads/por_uma_educacao_do_campo.pdf

Campello, B. S. (2012). Elementos que favorecem a colaboração entre bibliotecários e professores. In Campello, B. S. (Org.) *Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática* (pp. 73-89). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL.

- Corrêa, E. C. D., Oliveira, K. C., Bourscheid, L. R., Silva, L. N., & Oliveira, S. (2002). Bibliotecário escolar: um educador? *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 7(1), 107-123. Recuperado de: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>
- Douglas, M. P. (1961). *La biblioteca de la escuela primaria y sus servicios*. Paris: Unesco.
- Fernandes, B. M., & Molina, M. C. (2005). O campo da Educação do Campo. *Nera*, 1-34. Recuperado de: <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Gasque, K. G. D. (2012). *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília, DF: Universidade de Brasília. Recuperado em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13025?locale=en>
- Gayotto, M. L. C. (1989). Abertura do seminário. In Orth, L. M. E. (Tradutora). *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière* (pp. 11-13). Petrópolis, RJ: Vozes. Recuperado de: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1622/3/FPF_PTPF_12_009.pdf
- Gehrke, M., & Bufrem, L. S. (2013). Apontamentos sobre bibliotecas em escolas do campo no estado do Paraná – Relato de Pesquisa. *Informação & Sociedade: Estudos*, 23(3), 109-122.
- Gehrke, M., & Bufrem, L. S. (2018). Cenário da biblioteca escolar no contexto do campo no estado do Paraná. *Educação em Foco*, 22(3), 32-57.
- Hillesheim, A. I. A., & Fachin, G. R. B. (1999). Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 4(4), 64-79. Recuperado de: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/340>
- IFLA. (1999). *Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar*. São Paulo, SP: IFLA. Recuperado de: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>
- Lima, M. A., Costa, F. J. F., & Pereira, K. R. C. (2017). Educação do Campo, Organização Escolar e Currículo: um olhar sobre a singularidade do campo brasileiro. *e-Curriculum*, 15(4), 1127-1151. <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2017v15ip1127-1151>
- Marinho, L. G., & Vale, P. N. (2017). Uma análise comparativa entre Educação do Campo x Educação Urbana. In *VIII Jornadas Internacional Políticas Públicas* (pp. 1-11), São Luiz, MA. Recuperado de: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo10/umaanalisecomparativaentrededucacaodocampoxeducacaourbana.pdf>
- Martins, F. J. (2007). *Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar*. Foz do Iguaçu, PR: UNIOESTE.
- Martins, F. J. (2009). Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar. In *Congresso Internacional Pedagogia Social* (pp. 1-14). São Paulo, SP. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092008000100006&script=sci_arttext
- Mayrink, P. T. (1991). Diretrizes para a Formação de Coleções de Bibliotecas Escolares. In *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação* (pp. 304-314). Salvador, BA.

- Molina, M. C., & Freitas, H. C. A. (2011). Avanços e desafios na construção da educação do campo. *Em Aberto*, 24(85), 17-31.
- Moreira, M. A. (2014). Aprendizagem significativa em mapas conceituais. *Textos de Apoio ao Professor de Física*, 24(6), 1-55.
- Morigi, V. (2003). *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre, RS: Mediação.
- Moro, E. L. S., & Estabel, L. B. (2011). Bibliotecas Escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. In Moro, E. L. S., Estabel, L. B., Serafini, L. T., & Kaup, U. (Orgs.). *Biblioteca escolar: presente!* (pp. 13-70). Porto Alegre, RS: Evangraf.
- Neves, I. C. B. (1998). Biblioteca Escolar. *Teoria e fazeres*, 1, 12-14.
- Oliveira, M. P. (2019). O bibliotecário como educador ambiental apoiado pela aprendizagem significativa. In Soares, J. R. (Org.). *Educação Brasil* (pp. 39-52). Chapecó, SC: Livrologia.
- Organização dos Estados Americanos (OEA). (1985). *Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares*. Tradução de Walda de Andrade Antunes. Brasília, DF: FEBAB.
- Picheth, F. M. (2006). *PeArte: um ambiente colaborativo para a formação do pesquisador que atua no ensino superior por meio da participação em pesquisas do tipo estado da arte* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Recuperado de: <http://flacso.org.br/?publication=pearte-um-ambiente-colaborativo-para-a-formacao-do-pesquisador-que-atua-no-ensino-superior-por-meio-da-participacao-em-pesquisas-do-tipo-estado-da-arte>
- Queiroz, S. P. (2015). *Práticas de leitura da biblioteca de uma escola do campo: possibilidades, limites e contradições* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava. Recuperado de: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2150/1/UNICENTRO_PPGL_Queiroz%2C%20Solange%20Palhano%20de_2015.pdf
- Resolução n. 340. (2018, 21 de março). Define as Diretrizes Curriculares para a oferta do Ensino Médio no Sistema Estadual de Ensino. Recuperado de: <http://www.assers.org.br/em-foco/legislacao/legislacao-arquivo/resolucao340doconselhoestadualeducacaodors>
- Rodrigues, N. A. (2011). Apresentação. In Moro, E. L. S., Estabel, L. B., Serafini, L. T., & Kaup, U. (Orgs.). *Biblioteca escolar: presente!* (pp. 7-8). Porto Alegre, RS: Evangraf.
- Romanowski, J. P., & Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. *Diálogo Educacional*, 6(19), 37-50.
- Perucchi, V. (1999). A importância da biblioteca nas escolas municipais de Criciúma - Santa Catarina. *Revista ACB*, 4(4), 80-97.
- Sallaberry, B. R. B., & Flores, H. R. F. (2015). Hora do conto na biblioteca escolar. *Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 2, 1-19.
- Silva, W. C. (1995). *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo, SP: Cortez.
- Silva, R. S. (2017). *Processos de degradação em bibliotecas escolares: um estudo em Ciência da Conservação na Biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Anísio Teixeira*,

Porto Alegre (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175287/001062422.pdf?sequence=1>

ⁱ Aquela escola localizada em área rural, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo – ou seja, diz respeito a todo espaço educativo que se dá em locais como, por exemplo, florestas, regiões onde há o predomínio da agricultura e da agropecuária, populações ribeirinhas, caiçaras, extrativistas, assentamentos indígenas e comunidades quilombolas (Decreto n. 7.352/2010).

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 06/12/2019
Aprovado em: 11/05/2020
Publicado em: 28/09/2020

Received on December 06th, 2019
Accepted on May 11th, 2020
Published on September, 28th, 2020

Contribuições no artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.


Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Mariana Paranhos de Oliveira

 <http://orcid.org/0000-0003-2332-7711>

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

 <http://orcid.org/0000-0002-9888-7185>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA
Oliveira, M. P., & Teixeira, M. R. F. (2020). A Educação do Campo e suas possibilidades a partir da biblioteca escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e8054. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8054>

ABNT
OLIVEIRA, M. P.; TEIXEIRA, M. R. F. A Educação do Campo e suas possibilidades a partir da biblioteca escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e8054, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8054>